

Tem de tudo. Até gráficas

RENATO ALVES

DA EQUIPE DO CORREIO

De igrejas a casas de strip-tease, tem de tudo no setor onde deveria haver só gráficas. Criado na década de 1960 para abrigar máquinas impressoras, o Setor de Indústrias Gráficas (SIG) do Plano Piloto vem perdendo a sua característica com a invasão de empresas de outros setores. A privilegiada localização, entre o Sudoeste e o Parque da Cidade, atrai choparias, boates e faculdades. Prédios comerciais modernos e letreiros luminosos destoam dos antigos galpões de cores neutras. A mudança inflaciona o metro quadrado do lugar. Ali, um terreno de 5 mil metros quadrados chega a custar R\$ 15 milhões.

Além das fachadas, as novas empresas trazem diferentes frequentadores e modelitos ao SIG. Cada vez mais gente de terno é vista pelas ruas do setor e na porta das firmas, no lugar dos jalecos brancos e azuis dos gráficos. São funcionários e clientes das empresas de telecomunicações, bancos, bares (s sofisticados) e casas noturnas. Também há os alunos das três faculdades. "Aqui é bom porque fica perto da minha casa e do meu emprego", ressalta o técnico em contabilidade Felipe dos Anjos, 28 anos, estudante de administração, empregado de um escritório da Asa Sul e morador do Cruzeiro.

O barulho das impressoras agora se mistura ao burburinho da boêmia nas noites do SIG. O setor se tornou ponto de animados happy hours graças a duas choparias instaladas na mesma rua da Quadra 6. A mais famosa e concorrida delas é a Stad Bier. Inaugurada há seis anos, a primeira cervejaria brasiliense funciona de segunda a sábado. Com música ao vivo, cervejas exclusivas e importadas, a casa atrai principalmente trintões e quarentões, moradores das áreas nobres de Brasília. "O melhor daqui é qualidade da cerveja", elogia o empresário Luciano Lobão, 36, que mora no Sudoeste.

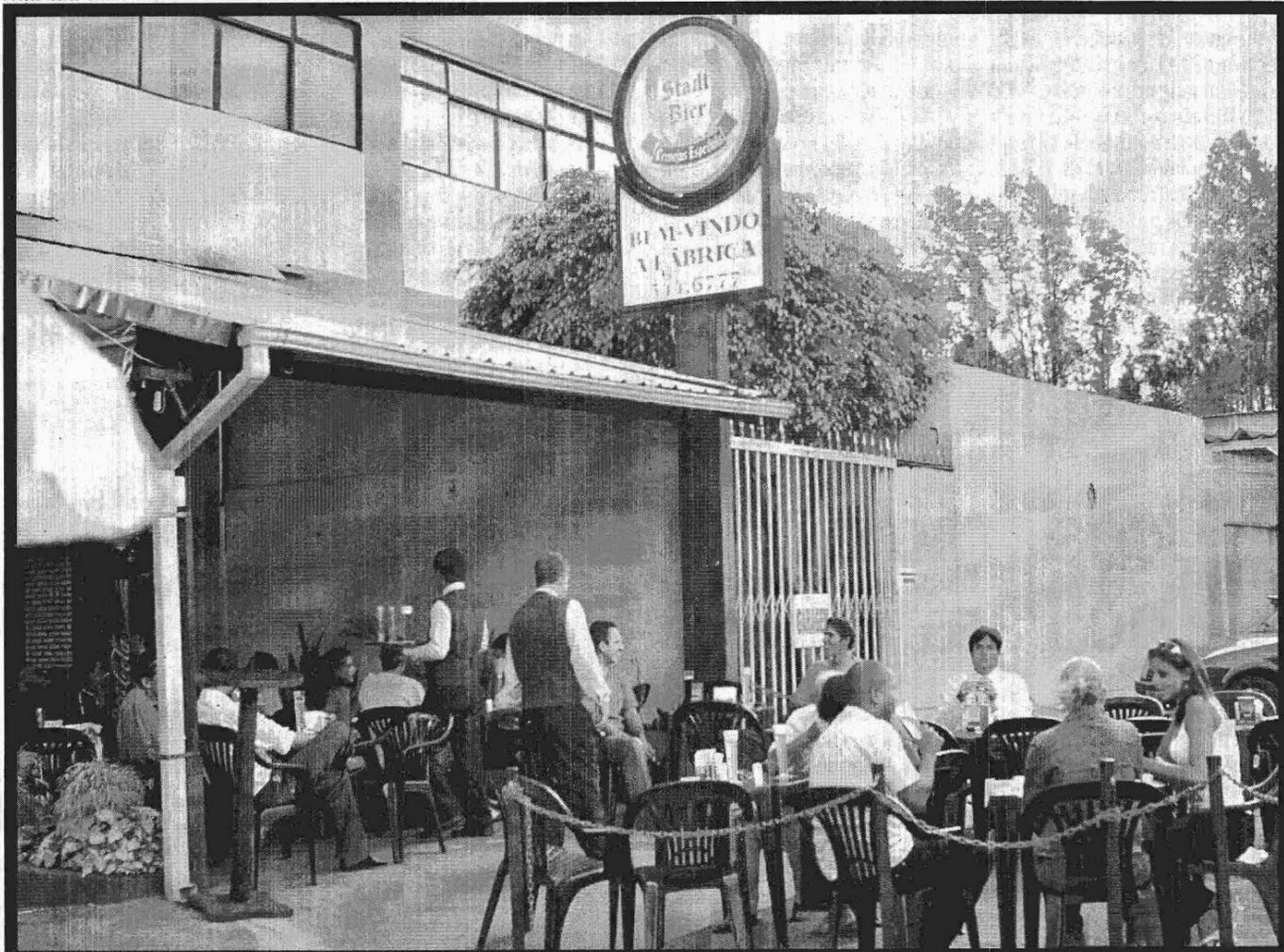
Localização

Amigo de Lobão, o advogado Flávio de Barros Barreto, 34, acrescenta outra virtude à cervejaria do SIG: a localização. "Não vou mais aos bares das superquadras por causa da falta de vagas nos estacionamentos. Aqui (no SIG), isso não é problema", comenta. Um dos donos da Stad Bier, Luiz Cláudio Carvalho conta que o tipo de prédio do setor foi fundamental na escolha do ponto. "Precisava de um galpão com amplo espaço e boa altura para instalar os tonéis da cervejaria e só aqui encontrei", ressalta.

No mesmo lote da Stad Bier fica uma das 12 igrejas evangélicas do SIG. Em frente à cervejaria, está a Parthenon, boate de clientela exclusivamente masculina, onde o principal atrativo é a mulherada bonita com corpo escultural, vestidos e danças sensuais. Lá, o movimento de carros caros e homens mais velhos começa após as 23h e vara a madrugada. O mesmo ocorre na Quadra 4 do SIG, por causa da Apple's Night Club, outra casa de strip-tease. Ela funciona ao lado de uma filial da Igreja Renascer em Cristo, dos bispos Sônia Haddad Moraes Hernandez e Estevam Hernandez Filho, presos nos Estados Unidos por entrada ilegal de dólares.

Também na Quadra 4, há empresas de telefonia e um prédio de escritórios em construção. São edifícios com traços modernos e vidros espelhados, bem diferentes dos galpões onde funcionam as vizinhas gráficas. O SIG também se tornou morada de solteiros e alguns recém-casados, que decidiram ocupar os escritórios sobre os antigos prédios, transformados em quitinetes. "Aqui é bom porque está perto de tudo e ainda tem onde a gente se divertir", diz o universitário Jairo Bahia, 22, morador de uma kit da Quadra 6.

Fotos: Adatao Cruz/CB



A CERVEJARIA STAD BIER, NA QUADRA 6 DO SIG, VIROU POINT



A PARTHENON É UMA DAS CASAS DE STRIPEASE DA REGIÃO

MISTURA \ \ O SETOR DE INDÚSTRIAS GRÁFICAS DO PLANO PILOTO TEM:

101	gráficas	3	casas de strip-tease
70	quitinetes	3	estacionamentos pagos
12	igrejas evangélicas	2	faculdades
4	empresas de telecomunicações	1	prédio com salas para advogados

Fonte: Censo 2006 do Sindicato das Indústrias Gráficas (Singraf) do Distrito Federal



A IGREJA EVANGÉLICA DIVIDE ESPAÇO COM OUTRA CASA NOTURNA

Migração é natural

Motivo de festa para os novos investidores e frequentadores, a alteração no cenário do SIG traz transtornos para os pioneiros do setor e funcionários das gráficas. O maior deles é a falta de vagas nos estacionamentos. "Há uns sete anos, a gente podia escolher lugar para estacionar. Agora, se não chegar bem cedo, deixamos o carro a uma quadra do trabalho", reclama Walter Fonseca, 36 anos, administrador de uma gráfica, onde trabalha há 10 anos.

Os empresários consideram inevitável a migração das antigas empresas para outras cidades, processo que ocorre há mais de uma década. Tanto que das quase 600 gráficas do Distrito Federal, 500 estão nos SIGs do Núcleo Bandeirante, Taguatinga, Gama e Ceilândia, criados justamente em função do estrangulamento do SIG do Plano Piloto.

O presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas (Singraf) do DF, Antônio Eustáquio de Oliveira, é um dos que preferiu instalar suas impressoras fora do primeiro SIG de Brasília. "Nas cidades-satélites, pagamos até 90% menos de aluguel. Uma gráfica não precisa mais do que um galpão", ressalta. Ele diz ainda que o Plano Piloto tem se tornado inviável para a atividade em função do trânsito congestionado. "Como se trata de uma indústria, o acesso a caminhões de carga precisa ser fácil", explica.

Apesar de reclamar dos impostos, Antônio Eustáquio diz que o segmento gráfico do DF

cresce a cada ano. "Por isso precisamos de um espaço maior", afirma. Em setembro, a então governadora Maria de Lourdes Abadia anunciou a criação do Pólo Tecnológico Editorial e Gráfico. Mas ela não definiu o local para transferência das gráficas e instalação de novas indústrias nem liberou a verba necessária para o empreendimento. "Vamos discutir esse assunto com o governador (José Roberto Arruda) ainda este mês", diz o presidente do Singraf.

Organização

O SIG é subordinado à Administração Regional de Brasília. O novo governo do DF estuda a mudança para o Sudoeste. O projeto é do administrador do bairro com o Pólo quadrado construído mais caro do DF, Nilo Cerqueira. "O SIG está na área contígua do Sudoeste, por isso nos afeta diretamente. Se passarmos a administrar o SIG, vamos revitalizá-lo e ordenar a ocupação dos lotes", diz ele, que se reúne esta semana com o governador para decidir o futuro do SIG.

Para o professor Frederico Flósculo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB), o SIG não poderia abrigar empresas que não fossem do ramo gráfico. "A concepção urbanística de Lucio Costa previa um zoneamento rigoroso", lembra. Ele sugere que o setor abrigue escolas e firmas de design gráfico e comunicação. "São atividades ligadas à destinação do setor", ressalta. (RA)

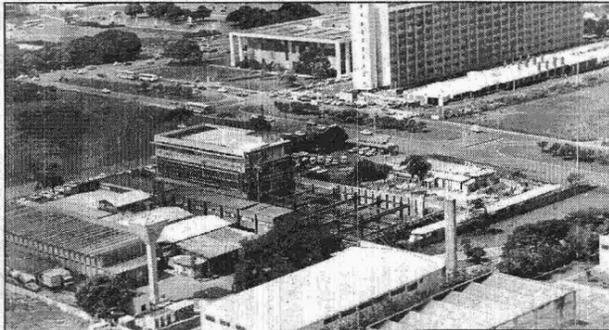
MEMÓRIA

Quarenta anos de história

O Setor de Indústrias Gráficas (SIG) do Plano Piloto foi criado em 1967 para a instalação de 70 empresas do setor. Os lotes — de 600 metros quadrados a 4,5 mil metros quadrados — ocupavam as quadras 1, 2, 4, 6 e 8. Posteriormente, surgiu o Comércio Local do SIG, nos blocos B e C da Quadra 3, ao lado do Parque

da Cidade. Em 1972, todos os terrenos destinados às indústrias estavam ocupados por gráficas. Com o crescimento da cidade e da economia local, surgiram novas gráficas. Com isso, foram criados SIGs no Núcleo Bandeirante, Taguatinga, Ceilândia e Gama, que abrigam cerca de 500 empresas do segmento.

Raimundo Pacco/CB - 30/3/89



NO COMEÇO, GRÁFICAS E GRANDES ESPAÇOS VAZIOS DOMINAVAM O SETOR